

MAI-BRITT WOLTERS

SOBRE A EXPOSIÇÃO "AZUL NO NEGRO"

POR KATIA CANTON

É porque então eu era louco que hoje sou sensato. Ó filósofo, que só vê o instantâneo, como é estreita a tua visão! Teu olho não foi feito para observar o trabalho subterrâneo das paixões", Goethe, abertura do capítulo 40 do romance O Vermelho e o Negro, de Stendhal.

O céu é azul porque a luz refletida na terra volta em direção ao espaço negro através da atmosfera. Da mesma forma o mar, onde a luz penetra alguns metros em direção ao fundo escuro. Ou as montanhas ao longe, que parecem azuladas. Goethe, Teoria das cores

No romance que marcou a carreira do escritor francês Stendhal, o vermelho e o negro do título correspondem a uma tensão entre forças potencialmente contrárias. O vermelho, aludindo ao amor como pulção de vida e transformação, e o negro, como pulção de morte. O grande fascínio da narrativa está justamente nessa construção complexa e cheia de nuances em que o protagonista, Julien Sorel, transita constantemente entre o bem e o mal, combinando loucura e sensatez, como na frase do escritor alemão Goethe, usada no livro pelo próprio Stendhal.

Foi também Goethe, durante o mesmo século XIX, quem construiu uma teoria das cores baseada na ideia de que cada cor nasce do resultado da interação da luz com a "não luz", isto é, com a escuridão. Durante 40 anos, Goethe desenvolveu a teoria, acreditando na produção das cores a partir da junção de opostos.

Talvez resida justamente aí a grandeza do artista: a capacidade de juntar bem e mal, presente, passado e futuro, luz e sombra, questões formais e mistérios da existência.

Também nas obras de Mai-Britt Wolthers afloram sentidos de contraponto e ambigüidade. Particularmente, as obras do projeto Azul no Negro são resultado de uma viagem e expedição artística que ela realizou no rio Negro amazônico, onde a imensidão do céu contrastava com a cor escura do rio. Mas há muitas outras camadas nessa leitura densa, pincelada por tonalidades diversas, muito além das azuis e negras

De fato, em sua história de vida, a artista sempre percebeu um duplo sentido à vocação estética que despontou cedo. De um lado, a preocupação formal, ligada a uma perseguição de questões como cor e composição, que definem e dão corpo aos assuntos próprios do fazer artístico.

No decorrer da prática da pintura, Mai-Britt foi desenvolvendo suas superfícies de cor com formas, ora definidas, ora desconstruídas, movendo-se em direção a uma intersecção de aparentes opostos: o vigor puro centrado na composição e no uso da cor, de um lado, e a ativação intuitiva de uma alusão à natureza, seus mistérios e sua destruição, de outro.

No percurso de várias exposições que se somaram em seu currículo, a partir dos anos 2000, a artista acirrou um desejo de conhecer as florestas brasileiras mais profundamente. Anos já haviam se passado desde que se fixou na cidade de Santos e fez da praia uma paisagem cotidiana. Faltavam agora as florestas, que ela começara a vislumbrar a partir do contato com a mata atlântica.

Foi numa primeira viagem, feita com amigas, que primeiramente se deparou com a força do rio Negro. Sentiu-se num universo sagrado, eminentemente feminino, onde o volume caudaloso, as águas quentes aludiam a uma imagem uterina. Munida de bexigas vermelhas, carregadas por conta de um aniversário, Mai-Britt teve pela primeira vez a ideia de adornar uma grande árvore à beira do rio com aquelas formas de cor intensa.

Atraída pela estranha paisagem, a artista voltou ao local, situando-se dentro do arquipélago Anavilhanas, no rio Negro amazônico, acompanhada do fotógrafo Marcus Pfiffer e da cinegrafista Viviane Soares.

Ciente agora da potência estética de seu projeto artístico, Mai-Britt construiu um microuniverso de imagens que brotaram daquele encontro. A cor escolhida como tema foi então o azul celeste.

Aquela seria a paleta para a pintura de uma série de cuias, feitas com o fruto amazônico cuité, compradas em Manaus. As pinturas foram realizadas no próprio local e registradas numa performance, em que a própria artista atua vestida inteiramente de negro. Ali ela parece encarnar o significado da sombra na natureza humana.

As imagens fotográficas, algumas pintadas pela artista, recobertas com o mesmo azul, em veladuras que deixam apenas algumas indicações da floresta, registram essas ações. Um vídeo mostra o processo de trabalho e se reveste de uma narrativa onírica: a quase-história se inicia com a personagem-sombra entrando pela estação de metrô paulistano Trianon-Masp e desembocando em meio à exuberante paisagem que cerca o rio Negro. Ela pinta as cuias de azul, pendura-as na grande árvore. A câmera rodeia aquele lugar onde o sublime reina, até que o personagem retorna pelo buraco da mesma estação de metrô em que partiu.

O caráter experimental desse vídeo faz parte do universo azul, sensível e imaginativo de Mai-Britt. Aqui também estão localizados os dois objetos escolhidos para compor a mostra: um grupo de cuias azuis, aglomerados por uma resina na forma de um cubo e uma semente resinada, depositada num oratório, como se fosse um sagrado.

Pinturas grandes sobre papel, pinturas pequenas sobre tela—todo esse universo brinca com os limites entre figura e abstração porque sugerem caminhos que acabam se rendendo aos campos expandidos e, majoritariamente azulados. E então se percebe que aquele corpo negro pode significar não necessariamente um ser sombra, mas uma forma em movimento, uma pontuação de cor ou contraponto preciso de composição, insuflando contraste à imensidão celeste. Um negro no azul.